

# Política

**RICARDO  
AMARAL**



## No forno do Senado, um crime sem autor

**F**oi tudo um mal-entendido, é o que nos quer fazer crer o senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) com sua segunda versão sobre a quebra do segredo do voto dos senadores na cassação de Luiz Estevão, em junho passado. O ex-líder do governo confessou quase tudo, menos a co-autoria do crime, que lhe foi imputada pela ex-diretora do Prodasen, Regina Celia Peres Borges. O pronto aplauso do presidente Fernando Henrique Cardoso, que viu dignidade no discurso do senador, inundou com aroma de pizza o ar de Brasília, que cheirava a queimado nos últimos dias. Outro efeito: os primeiros indícios de partidização da crise.

Arruda ofereceu argumentos — frágeis, mas melhores que nada — para quem quiser defendê-lo da pena de cassação. Abriu a possibilidade para uma gradação da pena, ao estilo dos que colaboram com a polícia. Com a perspectiva do perdão, Arruda pode ter abreviado o processo que o levaria a uma vergonhosa acareação com a ex-diretora Regina Borges. Isso, se não for contestada a versão do episódio embutida no discurso de ontem: a de um crime sem autoria.

Se os senadores quiserem engolir a história de que Regina Borges agiu sem ter recebido comandos explícitos, de Arruda ou do senador Antonio Carlos Magalhães, estará pronta a pizza. Faltou, no entanto, acertar a receita com o senador da Bahia, que ontem voltou a jurar não ter visto a lista da votação "secreta". Negou antes e depois de tomar conhecimento de que o colega o incriminara no que seria a "parte suave": apenas ler, sem ter furtado ou determinado o furto dos dados do painel.

Se não for atraído para a versão do ex-líder do governo, o senador Antonio Carlos ficará sozinho em sua defesa. Ele insiste em negar ter visto qualquer lista, relação, nominata ou seja o que for com os votos do Senado que presidia. Quem o conhece duvida que Antonio Carlos modifique uma vírgula do que chama "a verdade". É mais provável que ele se imole como vítima no forno da pizzaria, submetendo-se ao julgamento do Senado.

### Banho de lágrimas para lavar o PSDB

Três procuradores da República, dois senadores e a ex-diretora sustentam o que Antonio Carlos nega. Desde o desastroso encontro com os procuradores, dois meses atrás, o senador da Bahia é,

pelo menos, o único que não mudou sua versão sobre o conhecimento da lista. Ainda.

Do ponto de vista do Planalto, pouco importam os apuros do senador da Bahia. Na verdade, há uma torcida do presidente para que a vida traga muitos dissabores àquele que já foi um aliado tão poderoso quanto incômodo. Importa ao governo que o discurso pode abreviar uma crise que, nascida no parlamento, pode contaminar outros poderes. De algum tempo para cá, o Senado é visto como uma espécie de Argentina do Congresso, oferecendo permanente rico de contágio aos vizinhos.

A confissão de Arruda, embora tenha surpreendido praticamente todos os líderes, teve o estímulo do governo, especialmente dos ministros mais ligados ao ex-líder. Arruda foi apanhado na violação do painel num momento em que o PSDB passa por um surto ético, entendendo-se por isso a tentativa de resgatar a imagem que nasceu com a legenda. O banho de lágrimas de Arruda, além de humanizá-lo diante dos pares que vão julgá-lo, pode lavar parte da honra manchada do PSDB. Claro, se o público quiser acreditar no enredo.

O efeito perverso da partidização é que ela, naturalmente, pode estender-se às outras legendas envolvidas. Até o discurso de ontem, o PFL tratava Antonio Carlos como um soldado ferido, digno de solidariedade humana. Se o governo e o PSDB se engajarem na defesa do ex-líder, o instinto de sobrevivência partidária pode levar o PFL a fechar o cerco em torno do seu senador.

O PT poderia manter seu discurso de oposição, acusando o governo de abafar o caso, mas tiraria do fogo dois de seus senadores. Faltaria, no entanto, amarrar a ponta do PMDB: as denúncias contra o senador Jader Barbalho, principal figura do partido, correm fora de controle no Ministério Público e na interventoria da Sudam. Difícil assar uma pizza grande o bastante para servir a todos os comensais. De toda forma, a confissão de Arruda já ofereceu os primeiros ingredientes.

Ricardo Amaral é repórter especial de Política, em Brasília.

Escreve às terças-feiras

E-mail ricardo.amaral@valor.com.br